

# A menina que nunca tinha visto uma flor...

*“Já repararam que estas crianças, durante toda a sua vida, nunca viram uma flor?”*

*Foi o que disse aos jornalistas Louise Arbour, quando era Alta-Comissária das Nações Unidas para os Direitos do Homem, à chegada a um campo de refugiados.*

*Uma frase que chocou, uma imagem forte que me perseguiu...até me inspirar, dez anos mais tarde, a escrever esta história de esperança.*

*Desejando que todas as crianças, em situação de fragilidade, possam ter a esperança de uma vida melhor, sonhar com a justiça e a liberdade, e possam ver as flores crescer.*

*Andrée-Anne Gratton*



**S**amia nasceu num campo situado perto das fronteiras de dois países em guerra.

Os pais, Mahmoud e Yara, tinham-se refugiado ali há muito tempo. À espera da paz. Para salvarem a vida. Para ter esperança. Habitavam nesse espaço quase sem cor, cru e cinzento, e nunca dali saíam. No seu pequeno lote de terra, uma tenda servia de casa. Não



existia nada à sua volta, nem um pouco de erva. Debaixo do toldo estendido, havia pouco espaço para se mexerem, mas Mahmoud dizia:

— Nós temos sorte, só temos uma filha. Os nossos vizinhos, com os seus quatro filhos, estão mais apertados do que nós.

Samia não confiava nesses meninos de olhos negros.

“Têm inveja de mim”, pensava ela.

Na tenda da menina, apesar da escassez de meios, cada um tinha uma esteira para dormir. E os seus pais davam-se bem. Eram meigos para com ela. Mas da tenda ao lado chegavam, todas as noites, berros de discórdia.

Em frente morava o velho Mayi de quem Samia gostava muito. Cada vez que Mayi via a sua pequena vizinha, a Via Láctea inteira iluminava o seu olhar. Um fugaz sinal de felicidade.

Mayi contava-lhe episódios da sua vida, como um avô contaria à neta. Ao fim do dia, quando a pequenita pedia mais, ele respondia:

— Amanhã, minha querida, amanhã. Eu sou como um grande livro de contos, não podemos lê-los todos de uma vez!

Um livro...existia um na tenda de Samia.

Um único. O pai dissera-lhe que eram poemas e que um dia lhos iria ler.

Às vezes, Samia surpreendia Mayi a acariciar um objeto na palma da sua mão. Um relógio. *Tic, tac. Tic, tac.* Mayi nunca lhe contou a história dessa preciosidade.



«É o meu tesouro...», começava muitas vezes. Mas todas as vezes, os soluços apertavam a sua garganta e impediam-no de continuar.

Samia não entendia como um objeto tão pequeno podia causar tanto sofrimento.

Numa tarde, Mayi falou a Samia da cidade onde vivia quando era criança.



— A caminho da escola, passava por uma alameda cheia de buganvílias.

— O que são buganvílias? — perguntou a menina.

Pronunciou muito bem a palavra. Bugan-ví-li-as. Era uma palavra nova para ela.

— São flores — respondeu-lhe o ancião.

— Eu gostava tanto de ver flores!

Uma lágrima correu pela face de Mayi.

— Porque choras? — admirou-se Samia.

— Porque tu nunca viste flores, é por isso.

— São bonitas?

— Sim, são muito bonitas. São mais frágeis do que tudo o resto, mas são generosas pela sua beleza, os seus perfumes e as suas cores.

No dia seguinte de manhã, Samia encheu a mãe de perguntas. Mas Yara não conseguia encontrar as palavras corretas. Falava tão poucas vezes de coisas belas!

E acabou por resumir assim: «As flores são os poemas da natureza.»

Samia pediu então ao pai para lhe ler um poema.



Mais tarde, quando a menina foi buscar água ao poço com a mãe, viu ao longe os rapazes vizinhos. Aqueles que nunca lhe falavam. Aqueles que a faziam tremer com os seus olhos negros. E ela lembrou-se do poema que o pai lhe lera:

*O sol passa pelas fronteiras  
sem que os soldados  
lhe disparem um tiro...*

Samia dizia a si própria que estava um dia cheio de sol e que, assim, estava tudo bem. E ela sabia onde podia vê-lo todos os dias. Ali, à volta do campo, onde os soldados iam e vinham, com a arma ao ombro.



Desde que o ancião lhe falara das buganvílias, a curiosidade de Samia não tinha limites.

— Mayi, conta-me ainda mais coisas sobre as flores.

— Há flores de todas as cores, de todos os tamanhos, de todas as formas. Crescem e voltam a crescer, atraídas pelo sol. Precisam dele como nós precisamos de comer. E, sem água, morrem.

— Parecem-se então connosco? — perguntou Samia.

Mayi gostaria de lhe dizer que sim, que as flores eram parecidas com ela. Mas não com todos os homens. Alguns tinham o coração seco, como uma flor à qual faltara água.

Mas um outro dia tinha chegado ao fim e o ancião estava cansado.





E sempre que Samia repetia sem parar «Gostava tanto de ver uma flor!», Mayi sentia-se impotente para satisfazer o pedido da menina.

Mas um dia, de manhã, Mayi teve uma ideia. Pegou na sua bengala e dirigiu-se para a entrada do campo. Foi ter com o mais novo dos guardas, esperando encontrar uma abertura no arame farpado do coração desse homem, ainda com cara de menino.

Mas soldados são soldados. Depois de ouvir o pedido de Mayi, o guarda perguntou:

— O que me dás em troca?

— O que te posso dar? — respondeu o ancião. — Vivo aqui há montanhas de tempo. Não tenho nada.

— Tens aí qualquer coisa no teu bolso, à direita — disse o soldado.

Mayi quase desfaleceu.

O relógio. O seu tesouro. A única recordação que tinha do filho. Do filho morto na estrada, por causa daquela guerra, antes mesmo de chegar ao campo.

Correndo perigo de vida, Mayi tinha ido buscar o relógio. Desde então, o seu tic-tac regular substituíra os batimentos do coração do filho. Tic, tac. Tic, tac. Uma presença. Tic, tac. Tic, tac. «Eu ainda estou aí, tão pertinho.»

O soldado caminhava em silêncio à volta de Mayi.

—Então, o que tens de interessante aí dentro?



Mayi pegou no relógio e ergueu-o junto ao rosto do jovem, mantendo o punho meio fechado. «Não, disse Mayi para si próprio, não consigo separar-me dele.»

Voltou a meter o seu tesouro no bolso e virou as costas ao soldado.

Quando regressou, o ancião encontrou Samia inquieta:

— Mas onde estavas, Mayi? Procurei-te por todo o lado.

— Pois bem ...fui atrás de outras histórias para te contar.

Samia aproximou-se de Mayi.

— Contas-me uma? — perguntou.

Mayi, a pensar ainda na zona à volta do campo, não respondeu.

— Anda lá, por favor! Conta-me uma história de flores, uma com buganvílias.

O que saía da boca do ancião era um arquejo, não eram palavras.

Samia arrependeu-se de ter insistido.

— Estás doente, Mayi? Vai descansar. Contas-me a história amanhã.



No dia seguinte, bem cedo de manhã, Mayi seguiu pelo mesmo caminho do dia anterior. O soldado viu-o aproximar-se, contendo a custo um ténue sorriso.

Mayi foi direto ao assunto.

— De acordo, terás o relógio.

— De quanto tempo precisas?

— Dois dias.

Dois dias para deixar partir a última lembrança do seu filho. Tic, tac. Tic, tac. *Adeus, filho. Mas dois dias, também, para pensar nos mil fogos de Bengala que se acenderiam nos olhos de Samia.*

O encontro seguinte entre Mayi e o soldado foi muito rápido.

O ancião entregou o relógio ao soldado que lhe deu, sem mais rodeios, um grande saco de papel castanho.



Depois de olhar rapidamente para o seu conteúdo, Mayi foi-se embora com as costas direitas, para não dar ao soldado a satisfação de o ver abatido. No caminho cheio de poeira, Samia veio ao seu encontro.

— Mayi! Onde arranjaste esse saco? O que tem dentro?

A menina saltitava à volta dele. Sem parar de caminhar, Mayi disse:

— Vem comigo.

À luz de um raio de sol que batia na cortina da tenda, Mayi abriu o saco. Com as duas mãos tirou para fora um vaso. Como faria um mágico.

Um vaso cheio de flores. Uma buganvília.

A onda de alegria que invadiu Samia fez Mayi esquecer a dolorosa troca.

A pequenita chorava e ria ao mesmo tempo. Mayi também.

Samia correu a chamar os pais.

— Pai, Mãe, venham ver! Flores! Oh! São tão bonitas!

Com os seus dois bracitos frágeis Samia segurava o vaso de terracota onde estavam plantadas as primeiras flores que ela via na sua vida.



Uma pérola rosa nessa vastidão crua e cinzenta. Para cultivar a esperança.

Ao longe, os vizinhos observavam a pequenita com inveja.

Mas, nos seus olhos escuros, Samia via já uma estrela cheia de doçura.



Andrée-Anne Gratton  
*L'enfant qui n'avait jamais vu une fleur*  
Montréal, Les Éditions de la Bagnole, 2017  
(Tradução e adaptação)



# **A menina que nunca tinha visto uma flor**

1. Por que motivo escreveu a autora esta história?
2. Onde nasceu, e vivia, Samia?
3. Por que razão se tinham os pais dela abrigado ali? Refere as frases correspondentes.
4. Samia não confiava nos meninos da tenda ao lado. Explica porquê.
5. Que relação existia entre ela e o velho Mayi? Justifica.
6. Que tesouro guardava o idoso, e por que razão era tão importante para ele?
7. Na tua opinião, o que significa a frase: “As flores são os poemas da natureza”?
8. A poesia também ajudava Samia a ultrapassar os seus medos. Assinala os parágrafos que contêm essa informação.
9. O que sente Mayi ao dar o seu relógio, e o que o motiva a fazê-lo?
10. Como reagiu Samia quando viu o vaso de flores de buganvília?
11. “Uma pérola rosa nessa vastidão crua e cinzenta. Para cultivar a esperança.”  
Que outras coisas simples do dia a dia podem dar esperança a uma pessoa?
12. “A abnegação não implica só um sacrifício, mas também um ato de amor.”  
Concordas com esta afirmação? Fundamenta a tua resposta.